# Cidadãos em Combate: O Ideal de Maquiavel e a sua Realidade no Vietnã

**Luiz Fernado Martinez Muñoz**

O PRESENTE artigo procurará mostrar como uma das principais idéias do pensamento militar de Nicolau Maquiavel tem sobrevivido ao tempo e já foi aplicada num conflito contemporâneo: a Guerra do Vietnã, durante a intervenção americana no referido conflito.

Vamos procurar demonstrar especificamente que as idéias fundamentais na proposta do exército ideal de Maquiavel, isto é, a criação de uma milícia cidadã, podem ser consideradas similares às que justificam o desenvolvimento do Programa Grupo Civil de Defesa Irregular, incentivado pelo Exército dos EUA durante a Guerra do Vietnã.

Não se trata de fazer uma comparação pormenorizada das forças armadas de ambas as épocas o que, a nosso ver, seria realizar uma comparação forçada. Nosso objetivo é estudar como a idéia ou conceito elaborado por este pensador italiano do século XVI se mantém em vigência na nossa época. Portanto, primeiro farei uma breve descrição e análise a respeito das idéias de Maquiavel sobre como deve ser composto um exército e porquê. Com base em alguns de seus trabalhos e de outros autores que já comentaram a respeito de sua obra, descreveremos em que consistiu e como se desenvolveu o Programa Grupo Civil de Defesa Irregular. Concluindo o presente artigo, estabeleceremos as razões do porquê consideramos válido fazer uma comparação entre ambos, bem como desenvolver lições para o presente e o futuro.

## Maquiavel e seu Exército Ideal

O contexto político e social na Europa dos fins do século XV e princípios do século XVI, no qual viveu Maquiavel, influiu o seu pensamento e conseqüentemente os seus escritos. A Itália estava fragmentada em diversas cidades-estados que viviam em constante luta. Além disso, a Itália era o campo de batalha das grandes potências que estavam se consolidando como Estados modernos, deixando para trás a fragmentação feudal. Era o caso da Espanha e da França, as quais lutavam para hegemonizar a Europa, expandindo suas fronteiras e destruindo os estados mais fracos. Por esta razão, Maquiavel em seus escritos enfatizou a necessidade da criação e da responsabilidade de um poder centralizado, isto é, o Estado comandado eficaz e unitariamente pelo Príncipe. A forma de alcançar tal objetivo era a criação de uma força armada para garantir esse Estado. A lógica se resume no seguinte parágrafo pertencente ao prefácio do livro *Da Arte da Guerra* de Maquiavel: *O melhor dos regimes, sem a proteção militar, teria a mesma sorte que as salas de um palácio soberbo e real que, embora coberto de ouro e pedrarias, mas sem um telhado, não teria nada que o protegesse da chuva.*[1]

Como se pode observar, Maquiavel considerava uma necessidade a criação de uma força armada, contudo propôs um sistema de defesa diferente do modelo dos *condottieros* ou mercenários, que havia imperado na Itália daquela época. O termo *condottiero*, que se origina da palavra *condotta* que significa contrato. Precisamente o sistema dos *condottieros* baseava-se num contrato por serviços militares, estabelecido entre um governo e um "capitão" ou *condottiero*, o qual havia conseguido organizar e dirigir um grupo de homens em armas

dispostos a vender seus serviços. Os *condottieros* iam para a guerra a mando de quem os pagava. Maquiavel criticou este modelo, influenciado pelas más experiências que teve ao se relacionar com alguns desses *condottieros* quando era funcionário da chancelaria de Florença entre os anos de 1498 e 1512. Felix Gilbert em seu trabalho *Maquiavel: O Renascimento da Arte da Guerra* faz uma descrição destes infelizes desencontros: *Em sua primeira missão governamental fora de Florença foi encarregado de negociar o salário de um* condottiero, *o qual exigia quantias exorbitantes do governo da cidade (...) num acampamento florentino muito perto das portas de Pisa presenciou o comportamento dos* gascones *enviados pelo Rei da França, aliado de Florença, como promessa para restabelecer o reinado desta sobre Pisa; se negavam a avançar contra a cidade, se queixavam da comida e do salário, se amotinavam e desapareciam do acampamento*.[2] Em fins de 1502, uma outra missão realizada na companhia de César Borgia terminou de convencê-lo da necessidade de prescindir dos condottieros: *Ele estava presente em Sinigaglia quando César Borgia persuadiu um certo número de* condottieros *inimigos para que se reunissem com ele e então ordenou a seus homens que os matassem. A estupidez daqueles* condottieros *de cair tão facilmente no ardil de Borgia despertou definitivamente o desprezo de Maquiavel por eles e tudo o que representavam.*[3]

Mais um outro acontecimento relacionado com a história dos condottieros, citado freqüentemente por Maquiavel para justificar a desconfiança que tinha deles, foi a ascensão de Francesco Sforza ao governo de Milão. Sforza fora contratado como *condottiero* por Filippo Maria Visconti, Duque de Milão. Sforza astutamente se casou com Blanca Maria Visconti em 1432, filha natural de Filippo. Com a morte deste em 1447 e na ausência de outros herdeiros, Sforza conseguiu permanecer no poder em Milão até a sua morte em 1466, transformando-se de servidor dos milaneses para Duque dos mesmos, fundando uma nova estirpe governante que substituiu à família Visconti. Esses fatos levaram Maquiavel a estabelecer a periculosidade e a inutilidade do "sistema *concottiero*" como forma de defesa dos Estados. Os mercenários, ao combaterem por dinheiro, consistiam numa ameaça, já que a sua lealdade e eficácia estavam condicionadas ao seu salário. Isso os tornava ambiciosos por mais poder e riquezas, desejando indubitavelmente uma guerra permanente em vez da paz duradoura, significando uma constante carga monetária para os estados: *As tropas que servem para a defesa de um Estado são: nacionais, estrangeiras ou mistas. As tropas estrangeiras são inúteis e perigosas, quer sejam empregadas como forças auxiliares*[4] *ou assalariadas, e o príncipe que conte com esses soldados nunca terá segurança, porque há pouca união entre eles, são ambiciosos e não têm disciplina nem fidelidade (...) Este tipo de tropas está a serviço do estado apenas pelo salário, que nunca é tão grande que valha a pena o risco de perder a vida, somente servem com prazer em tempo de paz e logo que a guerra é declarada é muito difícil sujeitá-las numa rigorosa subordinação.*[5]

Em outros de seus trabalhos, Maquiavel aprimora ainda mais a sua posição. Agora não só elabora um discurso contra os mercenários, mas também justifica a inexistência de forças armadas profissionais e de caráter permanente: *Um rei certamente perderá o poder se não organizar as coisas de tal maneira que os infantes, ao terminar a guerra, prefiram voltar para suas casas e viver do seu ofício habitual. Não há infantaria mais perigosa que a integrada por profissionais da guerra, porque são mantidos continuamente pagos para combater ou para não derrubarem o trono. Estar sempre em guerra não é possível; pagá-los sempre é impossível; portanto corre-se o perigo de perder o poder*.[6]

**Como se pode observar, Maquiavel considerava uma necessidade a criação de uma força armada, contudo propôs um sistema de defesa diferente do modelo dos condottieros ou mercenários, que havia imperado na Itália daquela época. O termo condottiero, se origina da palavra condotta, que significa contrato.**

Podemos apreciar que, sob estes pensamentos de Maquiavel, há uma mensagem de fundamento ético, relacionado com a lealdade e o compromisso dos soldados para o seu governo. Esses fatores influem claramente na eficácia dos combatentes. A causa do desvirtuamento principal destes fatores é o fato de o vínculo entre os combatentes e o governo estar exclusivamente baseado no dinheiro. Esse vínculo tornou-se cada vez mais instável, pois muitos governantes daquela época contratavam

tropas estrangeiras. Assim se estabelece uma fronteira precária entre a lealdade e a eficácia e entre a traição e o fracasso. Por estes motivos, Maquiavel propôs que era melhor um sistema de defesa, com as forças armadas formadas pelos próprios cidadãos do Estado, os quais aceitaram essa obrigação como parte de sua vida social, em tempo parcial, mas com um constante adestramento. Isso que dizer que Maquiavel advogava a criação de uma milícia nacional, que fosse adestrada durante os feriados, e que só seria convocada em caso de guerra. Findando esta, os combatentes voltariam para as suas atividades rotineiras, incluindo os comandos, já que no projeto de Maquiavel nem os oficiais de carreira existiriam.

***Um rei certamente perderá o poder se não organizar as coisas de tal maneira que os infantes, ao terminar a guerra, prefiram voltar para suas casas e viver do seu ofício habitual. Não há infantaria mais perigosa que a integrada por profissionais da guerra, porque são mantidos continuamente pagos para combater ou para não derrubarem o trono.***

Em sua obra "*O Príncipe*", o argumento a favor da milícia nacional era o seguinte: *"A experiência nos ensina que os Estados, sejam republicanos ou não, conseguiram acabar, por si mesmos, com várias empresas. As milícias mercenárias sempre causaram prejuízo. Todavia, a respeito das repúblicas, acrescento que poderão melhor se ver livre da opressão do encarregado de suas tropas, quando estas forem nacionais do que quando forem estrangeiras."*[7] Em outro parágrafo insiste no mesmo argumento: *"Um príncipe que não pode defender seus Estados, a não ser com tropas estrangeiras, se encontra á mercê da sorte e sem nenhum recurso na adversidade. Essa máxima é geralmente entendida como que nada há tão fraco como o poder que não se apóia em si mesmo; isto é, que não se defende com seus próprios cidadãos, mas sim por meios estrangeiros, sejam aliados ou assalariados."*[8]

Maquiavel concretizou suas idéias quando redigiu a lei conhecida como o Mandato em dezembro de 1505 para a criação de uma milícia florentina: *"previa a formação de uma milícia de 10.000 homens entre 18 e 50 anos que deveriam ser eleitos por um comitê especial; além disso, os eleitos deveriam morar nos distritos rurais de Toscana, que pertencia a Florença* (...) *A possibilidade de se alistar está restrita aos distritos rurais, porque proporcionar esta possibilidade a outros habitantes das cidades do território de Florença teria facilitado que estas se revelassem (Op cit)"*[9] Apesar desse temor, o exército ideal para Maquiavel — o qual descreveu detalhadamente no seu livro *Da Arte da Guerra* — devia ter a participação de todos os habitantes de um Estado, dizendo que as colunas deste exército deveriam ser formadas por homens cuja idade variasse entre dezessete e quarenta anos, dando-se a preferência aos homens do campo (acostumados às fadigas e ao trabalho árduo) para a infantaria e os da cidade (os mais ricos) para a cavalaria.

Embora as novas pesquisas[10] tenham demonstrado que a visão implacavelmente negativa de Maquiavel sobre os *condottieros* fosse exagerada, com o transcorrer do tempo, foi infundida aos Estados a idéia de um exército profissional pago e permanente, contrariando as idéias de Maquiavel. Todavia, é importante para o desenvolvimento da teoria militar moderna, sua idéia de que, para um governo obter a vitória militar, o exército deva ser composto por soldados nacionais, para que os soldados combatam por sua terra e pela fidelidade a seus governantes, os quais também devem participar da guerra conduzindo os seus exércitos. Maquiavel apela ao patriotismo ou a um sentimento nacional para superar os males ou "a corrupção" do sistema mercenário. Somente os homens do mesmo grupo territorial e social podem ter uma fidelidade maior que a do simples vínculo monetário. Portanto a disciplina, a coesão e definitivamente a vitória final sobre o inimigo era garantida. Revisada a proposta de Maquiavel, passaremos a fazer referência ao Programa Grupo Civil de Defesa Irregular desenvolvido durante a Guerra do Vietnã.

## Os Grupos Civis de Defesa Irregular

Dois grandes problemas enfrentados pelas tropas americanas no Vietnã foram o controle de vastas áreas do Vietnã do Sul pelos vietcongues e a infiltração de equipamento, munições e tropas provenientes do Vietnã do Norte através das zonas fronteiriças. Esses elementos entravam principalmente pela rota Ho Chi Minh, que atravessava o Laos e o Camboja, desembocando no Vietnã do Sul.

Departamento de Defesa

*Após participarem de vários exercícios, durante 13 semanas no Centro Nacional de Adestramento, estes jovens provenientes das 44 províncias do Vietnã do Sul regressaram às suas aldeias, 1970.*

O primeiro problema pôde ser atenuado com a intervenção, em massa, das tropas americanas a partir de 1965, as quais com sua mobilidade e poder de fogo conseguiram apoiar os sul-vietnamitas e recuperar grande parte do país do domínio da guerrilha. Embora não tenham expulsado completamente os vietcongues, os americanos pelo menos evitaram, durante vários anos, a derrocada do Vietnã do Sul. Não obstante, a infiltração comunista pelo Laos e principalmente pelo Camboja foi um problema insolúvel para os americanos e seus aliados, os quais ao longo de todo o conflito tentaram inutilmente muitas formas de enfrentamento. A dificuldade para bloquear as rotas de infiltração comunista residia, em grande parte, na sua localização e características geográficas. Por exemplo, a zona das Terras Altas Centrais limítrofes com o Laos e o Camboja era um terreno de montanhas íngremes, as quais, da mesma forma que os vales, eram selvas, muitas vezes com neblina. As temperaturas eram superiores aos 40 graus centígrados durante o dia e a água era escassa. Sem dúvida, tratava-se de uma região inóspita, com pouca população e nenhum controle governamental. Não era uma área muito apta para a instalação de bases de fogo para o apoio da artilharia, vitais no sistema de combate americano. Tratava-se, portanto, de um terreno ideal para a luta de guerrilha. Os únicos habitantes dessa área pertenciam a uma minoria étnica que vivia sob uma ordem tribal primitiva, os *montagnards* ou "homens das montanhas".

Diante do problema da infiltração comunista, os americanos, particularmente a CIA e os Boinas Verdes, idealizaram um programa para se valerem destes primitivos homens montanheses no combate às infiltrações. Assim foi criado o programa dos Grupos Civis de Defesa Irregular, que se deslocaram para a província de Dac Lak — também localizada na zona central do Vietnã do Sul — em dezembro de 1961. Foi um programa que não apenas considerou a organização, o adestramento e o equipamento das tribos da zona central, mas também considerou a ação civil por meio da assistência médica e outros avanços com o objetivo de ganhar a sua confiança. Rod Paschall, coronel das forças especiais que participou desse programa, nos fornece uma idéia sobre os objetivos do mesmo: "A idéia de fundo consistia em rebater um dos conceitos-chave da guerra de guerrilha de Mao. Em outras palavras, devíamos armar a população para

que pudesse resistir aos vietcongues. Mao disse que os guerrilheiros eram os peixes e o povo a água. Bem, os vietcongues teriam que nadar muito no nosso lago se o povo do Vietnã desejasse lutar."[11]

A idéia central desta iniciativa era empregar a mesma população que vivia no âmbito dos guerrilheiros para combatê-los. Os americanos eram da opinião que, se parte da população civil estivesse envolvida na luta, o controle e a neutralização do apoio político e logístico aos guerrilheiros seria mais eficaz. Para o desenvolvimento deste sistema, além das razões geográficas, deve-se destacar a ineficácia demonstrada pelas tropas regulares sul-vietnamitas nesta guerra, afetadas por uma corrupção endêmica[12] que incluía desde as mais altas esferas do governo até o mais baixo funcionário, auxiliados pela enorme ajuda financeira americana. Parte dessa ineficácia devia-se às dificuldades encontradas pelas tropas americanas para enfrentar uma guerra muito particular, a qual incluiu a "guerra de guerrilha" rural, o combate paramilitar urbano e o combate convencional entre os exércitos regulares quando, por exemplo, entravam em ação as unidades do Exército Norte-Vietnamita.

***Tanto Maquiavel como os americanos, ao se defrontarem com uma realidade de forças armadas corruptas e ineficazes, tiveram que buscar um outro tipo de combatente que não fosse afetado pela corrupção do dinheiro e que lutasse pelos ideais de lealdade, honra e amor à sua terra natal.***

Voltando ao testemunho de Paschall, este nos explica como funcionava este programa: *Este sistema se baseava em dois componentes: a força de ataque e o núcleo de defesa da aldeia* (...) *Os defensores da aldeia eram recrutados de forma estritamente voluntária. Funcionava da seguinte forma: Eu formava uma patrulha e marchava para visitar uma aldeia. Lá eu era recebido pelo chefe e, falando em francês, perguntava se estava disposto a aceitar um projeto para a defesa de sua aldeia dos ataques vietcongues. Nós estaríamos encarregados de proporcionar as armas e a ajuda para o adestramento de uma dúzia de jovens. Durante dez dias ensinaríamos a atirar e a realizar pequenos trabalhos de manutenção das armas, fornecendo também algumas noções de primeiros socorros e explicando as técnicas de patrulha. Caso necessário, também poderíamos proporcionar-lhes soldados para proteger a aldeia durante a fase de instrução. Ao terminar o curso, instalaríamos um equipamento rádio por meio do qual poderiam contatar a minha força de desdobramento rápido, caso houvesse um ataque vietcongue. As vinte aldeias do distrito aceitaram minha proposta.*

*A força de desdobramento rápido era uma unidade cujos efetivos eram aproximadamente equivalentes aos de uma companhia, formada por pelotões com uns dez homens, montanheses que haviam se oferecido como soldados de dedicação integral. Esses homens deviam obrigatoriamente estar baseados no meu acampamento e, ao contrário dos defensores das aldeias, recebiam um salário mensal.*[13]

O Programa Grupo Civil de Defesa Irregular teve bastante êxito e suas unidades foram eficazes na contenção das infiltrações comunistas. No entanto, à medida que o programa se desvirtuava, perdia sua eficácia. Esse fato resultou de decisões táticas errôneas, como por exemplo, mudar a missão de segurança local e empregar as unidades nas operações das grandes unidades, missão para a qual não estavam bem preparadas. Outra decisão que afetou o programa foi a transferência de gerenciamento dos americanos para os sul-vietnamitas, os quais subestimaram a contribuição das unidades, atitude que explica tanto a inaptidão dos sul-vietnamitas na condução da guerra e a desconfiança deles em relação às minorias étnicas. Comprovando tal situação, às vésperas da Ofensiva do Tet (1968), o Grupo Civil de Defesa Irregular ocupava o último lugar nas prioridades de suprimento, evacuação médica, apoio de fogo e qualquer outra coisa. Em 1970, setenta homens das forças especiais sul-vietnamitas foram mortos em engajamentos contra o referido grupo civil de defesa irregular. As tensões e desconfianças entre estes "camaradas" havia chegado ao máximo; sem dúvida, os sul-vietnamitas não foram capazes de ganhar a confiança e a lealdade dos montanheses, como haviam feito os boinas verdes americanos. Finalmente o programa foi cancelado no mesmo ano (1970).

Para finalizar, deve-se enfatizar que os americanos destacaram a lealdade e o valor em combate, como sendo as principais características dos *montagnards* com quem lutaram. Rod Paschall, ao referir-se à relação existente entre eles e os

Departamento de Defesa

*Tropas Especiais de* montagnards *durante uma missão de treinamento perto de Ba loi na República do Vietnã, 28 de janeiro de 1963.*

montanheses, explica que estava baseada *num grande sentimento de camaradagem e amizade. As tribos das montanhas tinham um excelente senso de humor, uma admirável dignidade e um inabalável código de honra. A confiança entre nós era mútua*.[14] Um outro oficial das forças especiais não-identificado fez o seguinte comentário à respeito dos homens: *Os soldados dos grupos civis de defesa irregular eram capazes de cortar seus portas-cantil para fazerem golas de pano verde para os seus uniformes; podiam lutar o dia todo com lodo até as canelas, levando em suas costas quase a metade do seu próprio peso sem jamais se queixarem... eram capazes de bater um foguete B-40 num outro, ao estilo índio, para ver se explodiam... eram capazes de correr sob fogo ou ignorá-lo para levar um americano ferido para um lugar seguro.*[15] Será difícil encontrar referências semelhantes feitas pelos americanos para elogiarem outros aliados sul-vietnamitas pertencentes ao exército regular. Ainda que algumas unidades dos Fuzileiros Navais e Rangers vietnamitas tivessem se destacado, a opinião geral dos americanos era que estavam combatendo sozinhos uma guerra e que os sul-vietnamitas eram um bando de delinqüentes que ficavam na retaguarda. Por isso, confrontados por um ambiente de corrupção e ineficiência, os americanos — da mesma forma que Maquiavel — valorizaram muito a lealdade, a disciplina e a eficácia em combate dos *montgnards*.

Os que idealizaram o Programa Grupo Civil de Defesa Irregular pensaram corretamente que ele seria mais eficaz no combate aos ataques e às infiltrações comunistas. Os *montagnards* estavam mais familiarizados com o terreno de combate e não estavam contaminados pela corrupção que afetava o resto de seus compatriotas do sul. Os *montagnards* eram soldados dos quais se podia esperar lealdade e disciplina em combate, pois eram indivíduos que lutavam para defender sua localidade — seu entorno — daqueles considerados seus inimigos e invasores, sem esperar recompensas econômicas em troca. Pode-se dizer que eles combateram para sobreviver e defender seus pares. Estas motivações, que vão mais além do benefício econômico, são comprovadas pelas palavras elogiosas dos americanos, como comentamos anteriormente.

## Conclusão

Tanto Maquiavel como os americanos, ao se defrontarem com uma realidade de forças armadas corruptas e ineficazes, tiveram que buscar um outro tipo de combatente que não fosse afetado pela corrupção do dinheiro e que lutasse pelos ideais de lealdade, honra e amor à sua terra natal. Além disso, os combatentes deviam possuir as virtudes de motivação e disciplina, as quais redundariam em uma maior eficácia na luta.

Maquiavel e os americanos (estes séculos depois) compreenderam ou descobriram que as qualidades desejadas para criarem uma força armada vitoriosa e leal poderiam ser encontradas principalmente nos nativos que combatem por sua própria terra. Assim, por exemplo, Maquiavel foi em busca de uma milícia nacional, composta por cidadãos de uma mesma Pátria, os quais lutariam com maior entusiasmo, eficácia e lealdade para defender o seu próprio país, sob o comando de seus governantes. Os americanos convocaram nativos que lutavam por seu próprio entorno, com o propósito de defender sua terra e moralmente imunes à corrupção das tropas regulares, tornando-se combatentes eficazes e leais a sua causa.

A experiência do Vietnã também nos ensina que, quando se pretende realizar uma operação militar em conjunto com outro governo e suas tropas, é essencial que seu aliado tenha uma estabilidade, um funcionamento e uma coerência como Estado-Nação. O fracasso dos EUA no Vietnã, talvez não fosse devido, em grande parte, a deficiências no plano-militar, mas sim a ausência de um aliado — o Estado Sul-Vietnamita — que possuísse os atributos supramencionados. A inexistência de uma institucionalidade que funcionasse fez com que o esforço americano acabasse dilapidado. Os problemas existentes hoje nas operações militares no Iraque são semelhantes. A invasão, o desaparecimento do poder central que aglutinava as diferentes realidades culturais no Iraque e a demora em estabelecer um novo poder aglutinador fortaleceram as divergentes forças étnicas e religiosas, ameaçando o estabelecimento do novo e fracassado Estado Iraquiano. As perspectivas para um bom funcionamento institucional não são encorajadoras, visualizando-se um cenário de constantes lutas internas. A necessária solidez institucional para uma pacificação duradoura e na qual o esforço americano possa se apoiar é um objetivo difícil de ser alcançado.***MR***

### Referências


1. MAQUIAVEL, Nicolau: "Da Arte da Guerra". Ed. Tecnos, Madrid 1988, p. 6.
2. GILBERT, Félix. "Maquiavel: O Renascimento da Arte da Guerra", em PARET P.: "Criadores da Estratégia Moderna, De Maquiavel à Era Nuclear". Ed Ministério de Defesa, Madri 1992. pp. 30-31
3. *Ibíd.* p. 31.
4. Aliadas.
5. MAQUIAVEL, Nicolau. "O Príncipe". Ed. EDAF, Madri 1984. p. 64.
6. MAQUIAVEL, Nicolau: "Da Arte da Guerra". *Op cit.* p. 20
7. MAQUIAVEL, Nicolau: "O Príncipe". *Op cit.* p. 69.
8. *Ibíd.* p. 72
9. GILBERT, Félix: "Maquiavel: O Renascimento da Arte da Guerra", *Op cit.* p. 31
10. Veja MALLET, Michael: "O 'Condottiero'", em "O Homem do Renascimento" de GARIN, E. e outros, *Alianza Editorial*, Madri 1990. p. 51-77
11. Rod Paschall: "Os Homens das Montanhas", em "NAM. Crônica da Guerra do Vietñã 1965-1975". Ed. Planeta-Agostini. Julho de 1993, Volume I, fascículo 7, p. 205.
12. As referências à corrupção e inaptidão das autoridades político-militares do Vietnã do Sul são abundantes em qualquer bibliografia da Guerra de Vietnã. Por exemplo, Jean Lartérguy em seu revelador livro "Adeus a Saigon" comentava: "As unidades de choque do Sul são, sem dúvida, superiores às de Hanói, e a infantaria ligeiramente inferior em qualidade, porém melhor armada. Os carros de combate soviéticos são melhores que os americanos, mas quanto ao resto, há equilíbrio, pois essa inferioridade de blindados é compensada porque os do Sul contam com uma aviação poderosa e um grande número de helicópteros.

   A igualdade aparente no início do conflito logo desaparece. Comparado ao seu oponente, o alto comando sul-vietnamita é incapaz. Os norte-vietnamitas são comandados por chefes aguerridos que não ignoram os ensinamentos de Clausewitz, de Mao Tse Tung e do mestre Sun Tzu. Os norte-vietnamitas têm uma grande experiência de combate e um comando de prestígio, Nguyen Van Giap, mesmo estando doente e cansado, é quem ainda dá as ordens. No Sul não há Estado-Maior, pois Thieu o desativou por medo dos complôs, e as promoções dos generais são feitas pela amizade ou são compradas, com o nepotismo reinando em todas as partes".
13. Rod Paschall, *Op cit.* p. 206.
14. *Ibíd.*, p. 207.
15. James Arnold, "Ofensiva do Tet 1968, Momento Decisivo no Vietnã" Ed. Del Prado, Madri 1994. p. 21.



*Luis Fernando Martinez Muñoz possui o título de Bacharel em História e Geografia pela Universidade de Santiago do Chile. Participou como conferencista em vários seminários organizados por essa Universidade, por exemplo, "Médio Siglo de Debates Tácticos y Estratégicos en la Izquierda Chilena. 1950-2000". Atualmente está realizando o seu mestrado em História Militar e Pensamento Estratégico conduzido pela Academia de Guerra do Exército do Chile.*